



O ser humano é um espírito encarnado que se manifesta na Terra, basicamente, com dois envoltórios: o corpo físico, que é material grosseiro e pesado e o perispírito, um corpo sutil e semi-material que une o espírito à matéria do corpo. O perispírito é também um campo morfogenético sensível aos nossos pensamentos. Estrutura de conteúdo informacional, que subsiste além do sepulcro e altera-se de acordo com o padrão do seu campo interno. Impele suas energias pelo corpo físico, preenchendo-o, confundindo-se e ligando-se a ele, átomo a átomo, molécula a molécula.

A morte representa a destruição do corpo físico e não do perispírito, que só o deixa quando já não existe vida orgânica. O conhecimento dessas propriedades nos leva a compreender e aceitar uma possível repercussão perispiritual da doação de órgãos. Segundo relatos psicográficos de alguns doadores, as sensações são confirmadas, porém amenizadas e transformadas em bênçãos para o doador.

Sabe-se pela doutrina dos espíritos que, no instante da morte, o desligamento do perispírito ocorre gradualmente. Para alguns é muito rápido e o momento da morte é aquele do desligamento. Para outros, sobretudo aqueles cuja vida foi toda material e sensual, o processo é mais lento, levando alguns dias, semanas e até meses. Essa ocorrência não implica existir no corpo a menor vitalidade e possibilidade de retorno à vida. Quanto maior a identificação do espírito com a matéria, maior o sofrimento para a separação. A atividade moral e intelectual e a elevação dos pensamentos acionam o início da libertação, mesmo durante a vida do corpo. Esses são os resultados de observações realizados no momento da morte (*O Livro Espíritos, questão 155*).

Muitas vezes, na agonia, a alma já deixou o corpo e não há mais vida orgânica – o homem já não tem consciência de si mesmo e entretanto ainda lhe resta um sopro de vida.

O corpo e o perispírito

O corpo, máquina que o espírito movimenta, existe enquanto circular o sangue nas veias e para isso não necessita da alma (*O Livro dos Espíritos, questão 156*).

O corpo é o instrumento da dor, mas esta é um efeito. Por exemplo, a dor "fantasma" nas pessoas amputadas. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, contudo não pode ser ação física (do corpo). Nem o frio, nem o calor podem

desorganizar os tecidos da alma e esta não pode nem gelar-se, nem queimar-se.

Seguramente, a região do membro amputado não é a sede da dor. Pode-se, pois, crer que há alguma analogia com os sofrimentos do espírito depois da morte, sendo o perispírito o agente das sensações externas e que no corpo essas sensações são localizadas pelos órgãos que lhes servem de canais.

Destruído o corpo, essas sensações tornam-se generalizadas, e o espírito não diz que sofre mais da cabeça do que dos pés. Liberto do corpo, o espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal. A dor que o perispírito sente, não é propriamente uma dor física, mas um vago sentimento íntimo que o próprio espírito nem sempre entende, precisamente porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes externos; é mais uma lembrança que uma realidade. Porém uma recordação também penosa.

Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao espírito através do perispírito. Morto o corpo ele não sente mais nada, visto que não há mais nele espírito nem perispírito. Esse, desprendido do corpo, experimenta a sensação, mas como esta não lhe chega mais por um canal limitado, é generalizada. O perispírito não é mais do que um agente de transmissão, pois é no espírito que está a consciência.

A influência material diminui à medida que o espírito progride, quer dizer, à medida que o perispírito se torna menos grosseiro.

André Luiz em *Evolução em Dois Mundos*, capítulo XII, mostra a semelhança existente entre o processo gradativo de desencarnação do homem com a que ocorre no mundo dos insetos. Estes, exibem no desenvolvimento da metamorfose incompleta a escala de fenômenos exigidos para a desencarnação dos seres de natureza superior. Porém, os inferiores, os insetos, encontram-se, "aquém da histogênese", inabilitados e sem o equilíbrio que lhes asseguraria o novo plano de consciência. São incapazes de manobrar órgãos do aparelho psicossomático, justamente pela ausência da substância mental consciente, daí a pesada letargia que ocorre imediatamente após a morte.

No homem, a metamorfose é completa e deve-se ao pensamento constante que lhe oferece a preciosa estabilidade. Pela persistência e consistência das idéias, adquiriu o poder de integrar-se mentalmente para além da histogênese em seu corpo espiritual e, graças à sua própria vontade, consegue arrebatá-lo para novo estado individual – então